

Wendell Luiz Linhares  
(Organizador)



# Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

Wendell Luiz Linhares  
(Organizador)



# Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação física e áreas de estudo do movimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF.  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.  
 Modo de acesso: World Wide Web.  
 Inclui bibliografia.  
 ISBN 978-85-7247-959-2  
 DOI 10.22533/at.ed.592202301

1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz.

CDD 613.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A Educação Física, enquanto um campo em intervenção, demonstra a partir de suas diversas ramificações, um grande desafio para o profissional da área que tenta compreendê-la. Visando contribuir nesse processo, o e-book “Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano 2” configura-se como uma alternativa, a qual, é uma produção composta por 8 artigos científicos, subdivididos por dois eixos temáticos distintos, entretanto, interdependentes. No primeiro intitulado “Educação, História e Práticas Corporais” é possível encontrar estudos que apresentam desde aspectos históricos do esporte, perpassando por práticas inclusivas e motivacionais na Educação Física. No segundo eixo intitulado “Educação física Escolar e seus Documentos Norteadores”, é possível verificar estudos que abordam e discutem a partir dos documentos (Diretrizes Curriculares Nacionais, Base Nacional Comum Curricular e Plano Nacional da Educação) aspectos relacionados a formação e a carreira do docente em Educação Física, bem como, a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no contexto escolar. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil, os quais, abordam assuntos relevantes e de grande contribuição no que se refere a discussão dos temas citados anteriormente.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Luciano Barreto Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
HISTÓRIA E SIMBOLOGIA DOS JOGOS OLÍMPICOS	
Juvenal dos Santos Borges	
Roberto Carlos da Costa Belini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
O IMPACTO DO ESTILO MOTIVACIONAL DOCENTE NA PRÁTICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Monique Marques Longo	
Amanda Mendonça Soares Reis	
Ana Paula da Silva Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
PERCENTUAL DE GORDURA E RESISTÊNCIA CARDIORRESPIRATÓRIA EM CRIANÇAS	
Jonatha Danilo Silva de Oliveira	
Rafaela Guilherme	
Ademir Testa Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
TAKKYU VOLLEY UMA NOVA PROPOSTA INCLUSIVA	
Thalita Cassetari Campos	
José Irineu Gorla	
Simone Thiemi Kishimoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
DE FERNANDO DE AZEVEDO ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	
Michelle Ferreira de Oliveira	
Tadeu João Ribeiro Baptista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
O QUE INDICAA PROPOSTA PARA BASE NACIONAL COMUM DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM RELAÇÃO À INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	
Cassia Cristina Bordini Pirolo	
Celia Regina Vitaliano	
Nilton Munhoz Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023017</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>93</b>
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO 2014-2024: EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO E CARREIRA DOCENTE EM QUESTÃO	
<i>Carolini Aparecida Oliveira Campanholi</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5922023018</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>106</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>107</b>

## A INFLUÊNCIA DOS ESPORTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Data de aceite: 06/01/2020

**Luciano Barreto Lima**

Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay

Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-3837-3457>

**RESUMO:** A Educação Física historicamente sempre foi influenciada pelos esportes, assim como pelos métodos ginásticos, que tornaram a disciplina semelhante aos exercícios militares. Na década de 60, os esportes assumem protagonismo nas aulas de Educação Física, a ponto de modelarem a disciplina dentro da escola. Em virtude de requalificação estrutural na quadra poliesportiva da escola, as aulas da disciplina não contemplam as modalidades desportivas que utilizam a bola como instrumento. A situação contribui para que, em lugar das aulas esportivas tradicionais, sejam empregadas outras modalidades esportivas, que não estão presentes no planejamento curricular da disciplina. Sendo assim, o artigo tem por objetivo observar quais esportes que não utilizam a bola se destacam nas aulas de Educação Física. A análise utilizou a observação estruturada, técnica adotada pela pesquisa qualitativa, adequada para descrever e interpretar o fenômeno sociocultural denominado esporte, levando em consideração que as aulas de Educação Física não se

resumem a quatro modalidades esportivas, devendo abarcar outras possibilidades dentro da unidade temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Influência, Esportes, Aulas de Educação Física.

### THE INFLUENCE OF SPORTS ON PHYSICAL EDUCATION CLASSES

**ABSTRACT:** Physical Education has historically always been influenced by sports, as well as gymnastic methods, which made the discipline similar to military exercises. In the 60s, sports take a leading role in Physical Education classes, to the point of modeling discipline within the school. Due to structural requalification in the school's multi-sport court, the classes do not contemplate the sports that use the ball as an instrument. The situation contributes to the fact that instead of traditional sports classes other sports, that are not present in the curricular planning of the course. Thus, the article aims to observe which sports that do not use the ball stand out in Physical Education classes. The analysis used structured observation, a technique adopted by qualitative research, adequate to describe and interpret the sociocultural phenomenon called sport, considering that the Physical Education classes are not limited to four sports, should embrace other possibilities within the thematic unit.

**KEYWORDS:** Influence, Sports, Physical Education classes.

## INTRODUÇÃO

Os esportes são a unidade temática, que em conjunto com os jogos, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, constituem a cultura corporal do movimento, sendo conceituados pela Base Nacional Comum Curricular como sendo:

Por sua vez, a unidade temática Esportes reúne tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas. O esporte como uma das práticas mais conhecidas da contemporaneidade, por sua grande presença nos meios de comunicação, caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição. (BNCC, 2018, p. 215).

A relevância dos esportes para a disciplina Educação Física, pode ser comparada à importância que as quatro operações fundamentais têm para a Matemática ou a acentuação ortográfica para a Língua Portuguesa.

Sendo os esportes a unidade temática da Educação Física mais popular em âmbito escolar, é natural que figurem como as temáticas favoritas entre os alunos. Dentro da escola, os esportes costumam ser adaptados em virtude da realidade estrutural e do perfil do alunado. Brasil (1997, p. 38) destaca como os esportes que tem a preferência dos alunos os “esportes coletivos: futebol de campo, futsal, basquete, vôlei, handebol”.

Entretanto, nas aulas de Educação Física, o esporte muitas vezes costuma ofuscar a disciplina, ditando suas características sobre esta. É importante que os esportes sejam desenvolvidos em um contexto mais amplo do que, rotineiramente costumam ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física, nesse sentido, a BNCC (2018, p. 215) destaca que “[...]como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele”.

É importante repensar o ensino do esporte dentro da instituição de ensino. As aulas de Educação Física deverão oferecer os esportes (e as outras temáticas) não apenas como práticas, mas como conteúdos que são passíveis de questionamentos e reflexões para que os alunos possam construir uma visão crítica a respeito desse elemento da cultura corporal do movimento:

A escola é o lugar do ensino formal, que tem a função social/cultural e a responsabilidade educativa de contextualizar, problematizar e sistematizar os conhecimentos, ou seja, é nela, enquanto espaço educativo, que o conhecimento produzido pelo homem é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno venha a apreendê-lo. (CARLAN ET AL, 2012, p. 58-9).

Na escola onde se desenvolveu a pesquisa, a reestruturação estrutural da quadra poliesportiva inviabiliza a prática das modalidades esportivas, vez que, necessitam de espaço adequado para a desenvoltura prática de suas regras e fundamentos.

Ante a adversidade de ordem material, é coerente a proposta de transformação dos esportes em jogos, com regras mais maleáveis, adequando-o ao presente contexto escolar. Nesse sentido, Brasil (1997, p. 38) aponta como jogos pré-desportivos “queimada, pique-bandeira, guerra das bolas, jogos pré-desportivos derivados do futebol (gol-a-gol, controle, chute-em-gol-rebatida-drible, bobinho, dois toques)”.

O esporte nas aulas de Educação Física não deve apenas ser desenvolvido através das modalidades esportivas mais relevantes ao contexto escolar: deve se permitir a mudanças e adaptações, como por exemplo:

As práticas derivadas dos esportes mantêm, essencialmente, suas características formais de regulação das ações, mas adaptam as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível etc. Isso permite afirmar, por exemplo, que, em um jogo de dois contra dois em uma cesta de basquetebol, os participantes estão jogando basquetebol, mesmo não sendo obedecidos os 50 artigos que integram o regulamento oficial da modalidade. (BNCC, 2018, p.215).

Vale ressaltar que, mesmo sob a forte influência que a Educação Física sofreu através do futebol, em virtude da ascensão da Seleção Tricampeã Mundial de 1970, os esportes são divididos em categorias, como menciona a BNCC (2018, p. 216) “Marca[...] Precisão [...] Técnico-combinatório [...] Rede [...] Campo e taco [...] Invasão territorial [...] Combate.” É importante desmistificar a visão que se tem da Educação Física, como sendo uma extensão da prática dos esportes, mesmo sendo influenciada historicamente pelos esportes, notoriamente, o futebol.

A visão que se tem das aulas de Educação Física com os esportes, precisa ser transformada. Os esportes não são meras práticas que objetivam à vitória: se trata de um fenômeno sociocultural, portanto, necessita ser pensado e refletido:

Entende-se que o debate acerca da compreensão do tratamento dado ao conteúdo Esportes na Educação Física escolar ainda encontra algumas razões que merecem atenção, como: 1º) o esporte foi e continua sendo uma expressão muito presente da cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo; 2º) o esporte é um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física escolar; 3º) o sistema esportivo reconhece a escola como uma instância fomentadora de valores sociais, de significados e sentidos intra e interpessoal na elaboração de hábitos, ou seja, do esporte como um princípio educativo. (CARLAN ET AL, 2012, p. 58).

## DE GINÁSTICA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Para uma melhor compreensão do esporte e a sua importância nas aulas de Educação Física, é preciso considerar o histórico da Educação

Física no Brasil, influências que lhe deram os moldes característicos e a sua contemporaneidade.

O mais antigo relato a respeito de atividades físicas ocorreu no Brasil colônia. Relatos feitos pelos portugueses à corte lusitana, descrevem os movimentos executados pelos indígenas como danças, saltos, giros, corridas e outros rituais típicos da população nativa descoberta.

As atividades físicas, estavam presentes em seu cotidiano, sempre relacionadas à sobrevivência, a religiosidade, suas ritualísticas, e a práticas guerreiras, como no manuseio do arco e flecha, com a finalidade de proteger a tribo, bem como, garantir a sua manutenção, através da caça e da pesca.

Outro registro importante, ainda no Brasil colônia, época em que o país tinha uma economia com uma base agrária, em que era empregada a força do trabalho escravo para poder dar conta das grandes demandas. Os escravos eram tratados de forma degradante e cruel, o que os levou a criarem dentro das senzalas, a capoeira, atividade física que mistura movimentos de luta e dança, com a finalidade de se protegerem dos seus feitores, e conseguirem fugir para o local onde organizavam a sua resistência, chamado de quilombo.

No Brasil império, entre 1822 até 1889, período que se inicia a elaboração dos primeiros documentos que irão formalizar a Educação Física no país. O surgimento da Educação Física escolar no Brasil, inicialmente denominada Ginástica, ocorreu oficialmente com o decreto imperial elaborado por Luiz Pedreira do Couto Ferraz, em 1851, àquela época uma grande barreira, no que se refere à prática da Ginástica: por ser uma atividade não intelectual, era mal vista, como se a sua prática fosse destinada às pessoas de status social inferior:

No ano de 1851 foi feita a Reforma Couto Ferraz, a qual tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte. De modo geral houve grande contrariedade por parte dos pais em ver seus filhos envolvidos em atividades que não tinham caráter intelectual. Em relação aos meninos, a tolerância era um pouco maior, já que a ideia de ginástica associava-se às instituições militares; mas, em relação às meninas, houve pais que proibiram a participação de suas filhas. (BRASIL, 1997, p.19).

No entanto, foi somente em 1882, que Rui Barbosa ao lançar o parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior, além de igualar o status dos professores ao dos demais colegas das disciplinas intelectuais, denota também a importância da Ginástica na formação do brasileiro, que estava bastante atrasado quando comparado ao panorama mundial:

Em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o Projeto 224 — Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública —, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Nesse parecer, ele destacou e explicitou sua

ideia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual. (BRASIL, 1997, p. 19).

Havia a necessidade iminente de igualar a nação ao resto do mundo e proporcionar atividades físicas que deveriam ser distintas para homens e para as mulheres, respeitando os caracteres biológicos inerentes a cada sexo: aos meninos eram destinados os exercícios militares, cuja finalidade era tornar ainda mais robusta a sua compleição física, e, para as meninas, a calistenia, prática que asseguraria a manutenção de sua saúde sem distorcer as formas femininas.

Na perspectiva da saúde corporal, em 1890 surge a tendência higienista, que se preocupava com a assepsia, estabelecendo à população hábitos de saúde e limpeza. No início das aulas, os alunos eram submetidos a uma inspeção física nos cabelos, unhas, pernas e braços: aqueles que apresentassem qualquer tipo de impureza eram excluídos das aulas.

Os professores associados a essa tendência, eram médicos, que ensinavam as noções profiláticas de saúde, considerando que se constituía uma preocupação para a elite da época, o temor por contaminações que poderiam se propagar ao ar livre, sendo necessária, a doutrinação das classes mais baixas através de atividades físicas que garantam a saúde e a harmonia corporal.

Em termos de formação educacional, a corrente higienista, por meio das aulas de Educação Física, observando as características da eugenia, que objetiva a purificação da raça, gerando um indivíduo puro, forte e superior, que possa representar bem à nação, é reforçada a ideia de saúde utilitária, de caráter médico-higiênico.

Por meio dessa ginástica, assim caracterizada, devem adquirir-se, sob o ponto de vista físió-anatômico: a beleza corporal e, sob o ponto de vista psicológico, a coragem, a iniciativa, a vontade perseverante, ou, em uma palavra, certas aptidões morais, além do equilíbrio funcional dos órgãos, que é a expressão e o índice de saúde do corpo, e, por fim, a beleza na forma e no movimento. AZEVEDO (1920, p.70).

Neste período, as escolas europeias moldaram a ginástica na escola brasileira, que através desta, busca o indivíduo mais forte, sob o ponto de vista da anatomia e da fisiologia, não perdendo de vista os princípios higiênicos (que garante a assepsia, limpeza física e moral). A relação que se observa nas aulas é a de médico-paciente.

Os métodos ginásticos formavam alunos com corpos saudáveis, belos e harmoniosos, com grande preocupação com a saúde e o aumento da resistência física, sempre dispostos para trabalhar em prol da pátria, modificando a imagem do homem ignorante, sujo e indisciplinado, que se tinha do homem brasileiro antes das práticas higienistas:

A Educação Física que se ensinava nesse período era baseada nos métodos europeus — o sueco, o alemão e, posteriormente, o francês —, que se firmavam em princípios biológicos. Faziam parte de um movimento mais amplo, de natureza cultural, política e científica, conhecido como Movimento Ginástico Europeu, e foi a primeira sistematização científica da Educação Física no Ocidente. (BRASIL 1997, p.20).

No início do século 20, o esporte ainda não figura como o eixo temático protagonista nas aulas, e sim, algumas modalidades a exemplo da esgrima, remo, equitação, exercícios acrobáticos e o futebol, modalidades que eram praticadas pela elite, restando às camadas mais populares os métodos ginásticos.

A partir de 1930, a Educação Física passa a ser norteadada pela tendência militarista, que assume o lugar das práticas higiênicas. Brasil (1997, p.20) menciona que “[...] o exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar.” Com filosofia militar, os conteúdos das aulas passam a ser exercícios abdominais, polichinelos, flexão de braço, corridas e defesa pessoal.

Na década de 30, há um destaque especial para a Educação Física, que passou a ser instituída como prática obrigatória, visando trabalhar o fortalecimento do trabalhador, para que esse possa aumentar a produtividade, beneficiando a nação, pois a aula não somente educava a postura para a manutenção da saúde, mas para o aumento da eficácia laboral, das noções de civismo e cidadania:

Apenas em 1937, na elaboração da Constituição, é que se fez a primeira referência explícita à Educação Física em textos constitucionais federais, incluindo-a no currículo como prática educativa obrigatória (e não como disciplina curricular), junto com o ensino cívico e os trabalhos manuais, em todas as escolas brasileiras. Também havia um artigo naquela Constituição que citava o adestramento físico como maneira de preparar a juventude para a defesa da nação e para o cumprimento dos deveres com a economia. (BRASIL, 1997, p.20).

Essa práxis da Educação Física permaneceu por mais de 30 anos, quando na década de 60, houve uma mudança significativa por conta da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, determina em seu artigo 22: Será obrigatória a prática da Educação Física nos cursos primários e médio até a idade de 18 anos.

Houve uma modificação no sistema de ensino brasileiro, afetando também a Educação Física, no que se refere a extensão da sua obrigatoriedade, período que coincide com a expansão do esporte em escala global, e, a iniciação esportiva passa a ser o foco nas escolas, trazendo o desporto de competição para a sala de aula, sob a justificativa de representação da pátria:

Nesse período, o "modelo piramidal" norteou as diretrizes para a Educação Física: a Educação Física escolar e o desporto estudantil seriam a base da pirâmide. A

melhoria da aptidão física urbana e o empreendimento da iniciativa privada na organização esportiva para a comunidade, comporiam o desporto de massa, o segundo nível da pirâmide. Este se desenvolveria, tornando-se um desporto de elite, com a seleção de indivíduos aptos para competir dentro e fora do país. (BRASIL, 1997, p.21).

## **A TENDENCIA ESPORTIVISTA NA ESCOLA**

Ao final dos anos 60, a Educação Física era influenciada pela tendência esportivista (tecnicista), cujo enfoque gira em torno da fisiologia e do treinamento esportivo, contribuindo também para o aperfeiçoamento do trabalhador:

Após 1964, a educação, de modo geral, sofreu as influências da tendência tecnicista. O ensino era visto como uma maneira de se formar mão-de-obra qualificada. Era a época da difusão dos cursos técnicos profissionalizantes. Nesse quadro, em 1968, com a Lei n. 5.540, e, em 1971, com a 5.692, a Educação Física teve seu caráter instrumental reforçado: era considerada uma atividade prática, voltada para o desempenho técnico e físico do aluno. (BRASIL, 1997, p.20).

Em consequência da brilhante performance apresentada pela Seleção Brasileira de Futebol, quando se consagrou tricampeã da Copa do Mundo, o governo passou a incentivar a prática esportiva, considerando o gosto da população pelos esportes e, no tocante à escola, o Decreto nº 69.450, de 1971, diz que a Educação Física passou a ser considerada como "a atividade que, por seus meios, processos e técnicas desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando". Com o incentivo à prática esportiva, o governo militar visa descobrir novos talentos e transformar o Brasil em potência olímpica, bem como, ocupar a população com práticas esportivas, para que não se preocupe com os atos do governo.

No entanto, fora observado apenas o desempenho eficiente da nação apenas no futebol, com o passar do tempo, o Brasil não obteve o status de uma grande potência olímpica, nem econômica, o que levou a esse modelo esportivo e tecnicista, focado no alto desempenho e de caráter instrumental, a ser questionado no início dos anos 80.

## **UMA RESSIGNIFICAÇÃO NO ESPORTE ESCOLAR**

A concepção biológica, que vê o homem apenas como um ser físico, sofre duras críticas, pois carecia de pedagogia, tendo em vista que defendia através de suas práticas o aperfeiçoamento de gestos motores, extraídos dos desportos coletivos profissionais.

Surgem então as abordagens pedagógicas críticas, que passaram a questionar o modelo de homem concebido apenas na esfera física, pois o homem é um integral e outros aspectos necessitam de desenvolvimento, tais quais a visão crítica e a

capacidade de refletir sobre os fatos e acontecimentos. Brasil (1998, p.25) corrobora dizendo que "As abordagens críticas passaram a questionar o caráter alienante da Educação Física na escola propondo um modelo de superação das contradições e injustiças sociais". A Educação Física sofre uma reestruturação, rompendo com o enfoque biologicista, em que a reestruturação curricular, os conteúdos voltados para a escola e reflexões sobre a ausência de ideologia na disciplina, são algumas contribuições trazidas pelas abordagens psicomotora, construtivista, desenvolvimentista e críticas.

A abordagem psicomotora, se baseia na psicomotricidade, que se originou na França, na década de 60, tendo como precursor Jean Le Boulch. A prática surgiu para desenvolver a educação integral corpórea, contemplando os aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor, por meio de movimentos espontâneos, não se limitando apenas à esfera biológica. A Educação Física é vista como um meio, que viabiliza a aprendizagem de outros conteúdos, não limitada apenas ao esporte de rendimento.

Da teoria criada por Jean Piaget, o construtivismo, surge a abordagem construtivista na Educação Física, que leva em consideração o conhecimento que o aluno já possui, fruto de suas interações com o meio físico e social no qual vive, que se constrói por meio de esquemas de assimilação e acomodação. Piaget (1987, p.387) no que se refere a ação do sujeito sobre o meio com o qual interatua, entende que "as estruturas não estão pré-formadas dentro do sujeito, mas constroem-se à medida das necessidades e das situações."

No Brasil, a abordagem construtivista tem como principal expoente, o autor João Batista Freire, por meio de sua obra 'Educação de corpo inteiro', balizada pelos princípios piagetianos, que é considerada referência no contexto construtivista da Educação Física.

O estudo do desenvolvimento motor, que é a modificação progressiva das capacidades motoras do sujeito, que em virtude de interações com o meio no qual vive, se converterão em habilidades, é a maior preocupação da abordagem desenvolvimentista, que analisa a relação entre as habilidades motoras de manipulação, estabilização e locomoção, com os níveis de crescimento e desenvolvimento da criança até a faixa etária de 14 anos, sendo essa abordagem no Brasil, representada pelo autor Go Tani, que descreve o movimento como o principal meio e fim da Educação Física:

A importância dos movimentos, obviamente, não se restringe ao aspecto biológico. A capacidade do ser humano de se mover é mais do que uma simples conveniência que lhe possibilite andar, jogar e manipular objetos. Ela é um aspecto crítico do nosso próprio desenvolvimento evolucionário. Da construção de abrigos e de ferramentas por parte dos nossos ancestrais até se chegar à complexa tecnologia e cultura modernas, os movimentos desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental. (GO TANI, 2008, p. 315).

As abordagens críticas, surgem em oposição ao tecnicismo presente nas aulas. Exigem que o professor tenha uma visão mais política da realidade, combatem a alienação dos alunos, colaborando para que estes se vejam em um contexto social e cultural, indo além da visão reducionista biológica, desenvolvendo neles uma postura de superação das injustiças sociais, políticas e econômicas.

A abordagem crítico-superadora, instiga nos alunos a reflexão sobre questões de poder, interesse, esforço e contestação, discutindo a cultura corporal na perspectiva do homem como um ser historicamente construído e culturalmente transformado, sendo a escola, o lugar para se discutir as reflexões acerca das representações de realidades vividas pelo ser humano. Coletivo de Autores (2012, p. 40) afirma que “[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola”. Essa abordagem é inspirada em ideais marxistas, tem como principal obra o livro Metodologia do ensino da educação física, publicado no ano de 1992.

A abordagem crítico-emancipatória, possui como fonte de inspiração, a Escola de Frankfurt, e objetiva ensinar por meio da Educação Física a libertação de falsas ilusões, interesses e desejos criados por uma mídia com interesses capitalistas, trabalhando em seu discurso, questões de justiça social. Essa abordagem tem como principal nome, Elenor Kunz, com a sua obra Transformação didático-pedagógica do esporte, com a 1ª edição publicada em 1994.

No contexto atual, a LDB 9394/96 em seu artigo 26 parágrafo 3º, categoriza “a Educação Física como componente curricular obrigatório, sendo facultada à sua prática em alguns casos”. No entanto, a lei não faz menção ao que, e como se deve trabalhar dentro da disciplina.

Surgem no ano de 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados pelo Ministério da Educação e do Desporto, que teve como inspiração o modelo educacional vigente na Espanha, servem como referencial didático e metodológico em âmbito nacional para a disciplina Educação Física.

Por meio dos PCNs, os professores ensinam a seus alunos a ter noção da cidadania como participação social e política, o exercício dos direitos e deveres políticos, sociais e civis, desenvolvendo assim, atitudes de cooperação, solidariedade, respeito mútuo e o repúdio às injustiças.

Aspectos importantes como os princípios da inclusão e da diversidade, as dimensões dos conteúdos e os temas transversais, assuntos que estão sendo discutidos em toda a sociedade, como a ética, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, meio ambiente, trabalho e consumo, também são ensinados aos alunos através dos PCNs:

A Educação Física dentro da sua especificidade deverá abordar os temas transversais, apontados como temas de urgência para o país como um todo, além de poder tratar outros relacionados às necessidades específicas de cada região. Sobre cada tema este documento traz algumas reflexões a serem tratadas pela área, com a intenção de ampliar o olhar sobre a prática cotidiana e, ao mesmo tempo estimular a reflexão para a construção de novas formas de abordagens dos conteúdos. (BRASIL, 1998, p.34).

No período de pouco mais de 150 anos, a Educação Física deixou de ser uma prática corporal para tornar-se disciplina curricular. Vale ressaltar que o esporte não é somente uma atividade baseada em regras, cuja prática tenha como única finalidade a formação de vencedores e a ênfase nos resultados positivos:

No entanto, essas características não possuem um único sentido ou somente um significado entre aqueles que o praticam, especialmente quando o esporte é realizado no contexto do lazer, da educação e da saúde. Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele. (BNCC, 2018, p. 215).

A importância dos esportes nas aulas Educação Física, é reconhecida pelo fato de os mesmos não serem apenas recursos para a promoção da saúde ou a observância de regras, tendo em vista que dentro da escola, o esporte é trabalhado em um contexto lúdico, sendo possível destacar que:

Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica. (BRASIL, 1997, p.23).

Em âmbito escolar, algumas modalidades esportivas estão mais predispostas de serem desenvolvidas, a exemplo dos esportes que utilizam a quadra poliesportiva, que em sua maioria, costumam ter a bola como instrumento. A BNCC faz referência a categoria:

Invasão ou territorial: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/ campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi etc.). (BNCC, 2018, p. 216).

Nas aulas de Educação Física, o futebol costuma ter a preferência entre os alunos, e além deste, o vôlei e o basquete são apontados como as principais modalidades na escola. Meier (1981 Apud Junior e Caputo, 2014, p. 27) menciona que “existem vários esportes, como, arco e flecha, artes marciais, atletismo, badminton, basquete, beisebol, vôlei, futebol, futsal, tênis, golfe, ciclismo, corrida de rua e entre

outros, que são muitos”.

Dentro da escola a visão que se deve ter em relação aos esportes, é a de prática enriquecida de valores e significados próprios. É importante não limitar as modalidades esportivas a uma prática que almeja somente resultados positivos, pois se assim procede o professor, aumenta-se o risco de criar nos alunos a rejeição pelos esportes e, conseqüentemente, pelas aulas de Educação Física:

No esporte educacional, a ação deve proporcionar aos seus participantes, bem-estar e interesse pela atividade. Somente a obrigatoriedade de participar da aula ou do treino, não trará efeito educativo para seu praticante. Desde as aulas na escola, nos projetos sociais, o esporte deve proporcionar a construção de valores, do caráter dos alunos, de respeito às individualidades dos demais participantes. Se o professor não percebe esta importância, pode ele ser responsável por tornar a Educação Física um verdadeiro trauma para alunos que tenham algum problema de convívio social, ou até mesmo, criar algum empecilho. (BICKEL, MARQUES e SANTOS, 2012, p. 1).

O Curso de Educação Física, que leva em média quatro anos para ser concluído, forma professores com ênfase em licenciatura e bacharelado, possuindo em sua matriz curricular disciplinas das áreas biológica, pedagógica e desportiva, que por conta da influência dos saberes acadêmicos, muitos professores acabam por desenvolver suas aulas no contexto de sua base curricular.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo tem por objetivo observar quais esportes que não utilizam a bola se destacam nas aulas de Educação Física desenvolvidas em uma escola da rede pública de ensino, situada na cidade de Salvador, estado da Bahia, sendo parte de uma investigação maior sobre os esportes e o seu uso como instrumento pedagógico de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental.

A investigação utilizou a abordagem qualitativa, que, de acordo com Oliveira (2007, p. 37) “trata-se de um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.”

A técnica adotada, que melhor se adapta à abordagem eleita é a observação estruturada, na qual, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 193) o “observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe”.

## RESULTADOS E PROPOSTAS

Muito embora os esportes sejam a preferência dos alunos nas aulas de Educação Física, vale ressaltar que, as aulas não giram em torno do mesmo, devendo o professor alterná-lo com outras práticas, sob o risco de transformar a disciplina em um treinamento desportivo:

Cristalizou-se um imaginário social sobre a Educação Física, entendida basicamente como um espaço e tempo escolar vinculados ao fenômeno esportivo: o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores, e é a prática corporal citada e valorizada pelos alunos. (BRACHT ET AL, 2003 APUD CARLAN ET AL, 2012, p. 59).

Em virtude da requalificação estrutural sofrida pela quadra poliesportiva da unidade escolar, os esportes que utilizam a bola como instrumento se encontram comprometidos em termos práticos. Os esportes estão ausentes apenas nas aulas práticas, no entanto, a coordenadora propõe a utilização de aulas teóricas, que inclusive contribuirão como alicerce para a realização de provas teóricas, não previstas quando a disciplina era desenvolvida exclusivamente na quadra.

As Aulas teóricas, portanto, possibilitam que os alunos não percam o contato, apesar de que, essa perda ocorre apenas na dimensão procedimental, ou seja, no saber-fazer, que é substituído por jogos esportivos e outros esportes pouco conhecidos. Na escola, nunca houve o estímulo ao esporte de rendimento, vale ressaltar que os alunos estão privados apenas de vivenciar o esporte regulamentado, que ocorre em um espaço demarcado: a quadra poliesportiva.

Viu-se que, face a ausência das modalidades esportivas típicas da cultura escolar, o docente utilizou esportes pouco cogitados nas aulas de Educação Física, a exemplo da peteca, com finalidade recreativa, e os jogos de dama e xadrez, estes, embora não desenvolvam a parte física, contribuem para o aprimoramento mental, algo incomum nas aulas da disciplina.

Portanto, a adesão dos alunos a outros esportes, contrariando a tendência hegemônica em torno do futebol, serve para constatar que a limitação espacial, associada a restrição do uso da bola oficial (instrumento utilizado nas modalidades esportivas), possibilitou a emergência de modalidades até então, estranhas ao âmbito escolar.

Sendo assim, notou-se ser possível trabalhar na prática, com as modalidades esportivas que não necessitam da bola como instrumento. Além destas, são trabalhados também outros elementos da cultura corporal do movimento, a exemplo dos jogos, danças e lutas.

Foi possível constatar que, o docente conseguiu inserir esportes que não necessitam de espaço padronizado para a sua execução, além de desenvolver

dimensão mental dos alunos, mediante o uso de vídeo aulas, e esportes que trabalham plenamente o aspecto cognitivo.

Vídeo aulas demonstram ser excelentes estratégias, tendo em conta que contém, os aspectos técnicos e motivacionais, proporcionando assim, uma leitura dinâmica e divertida a respeito dos esportes, diferente do que se vivencia na prática destes, baseados apenas em suas regras.

A aula de Educação Física deve propor desafios aos alunos, não somente no que se refere a obtenção de vitórias e superação de limites, mas deve a aula transcender a visão instrumental/racionalista das modalidades esportivas, propondo assim, uma visão diferente dos esportes. A BNCC (2018, p. 233) descreve que os alunos deverão ser capazes de “analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer)”.

Como proposta, as aulas de Educação Física não devem ser influenciadas pelos esportes que estão em maior destaque na mídia esportiva. Deve o professor, fornecer subsídios aos seus alunos, para que estes tenham, a oportunidade de vivenciar na prática os esportes que não estão elencados nas aulas de Educação Física escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física em sua origem, e durante boa parte da sua trajetória, foi (e ainda é) influenciada por exercícios militares e pelo treinamento desportivo. É importante modificar a visão biológica criada a respeito da disciplina, que costuma ser vislumbrada como meio de prática esportiva destituída de aspectos sócio-culturais.

É imprescindível que o docente desenvolva outros esportes, além dos tradicionalmente aplicados na quadra escolar, propondo assim, a incorporação de novas modalidades, que desenvolvam outros aspectos, além do técnico/tático, e contemplem outras dimensões, a exemplo da mental.

Portanto, o professor deve implementar uma renovação nas aulas de Educação Física, apresentando uma nova estrutura às aulas, que costumam reproduzir as modalidades esportivas mais disseminadas pela mídia, sempre em consonância com as recomendações que são pontuadas pela BNCC da Educação Física.

É importante reconhecer, que a Educação Física não é uma prática corporal, e sim, um componente curricular obrigatório, que se encontra inserida na área de Linguagens, devendo ser problematizada também no campo teórico: a disciplina deve, portanto, desenvolver aulas (e avaliações) teóricas, para que na prática, disfrute do mesmo status de componente curricular, inerente às outras disciplinas dentro da escola.

Portanto, cabe a coordenação pedagógica propor um novo desenho curricular à disciplina, cuja característica principal é a predominância de aulas práticas, que desconhece um sistema de avaliação além da frequência e participação do alunado às aulas da disciplina.

Conclui-se que, todos os esportes podem conviver em harmonia nas aulas escolares, e que estes não devem nortear a disciplina, com as suas regras e parâmetros, mas situar-se como uma das unidades temáticas constituintes da cultura corporal do movimento desenvolvidas nas aulas de Educação Física escolar, devendo esta romper com o paradigma tradicional que conceitua a disciplina como uma prática esportiva que gira em torno dos esportes coletivos que tem a bola como instrumento, acolhendo outras possibilidades dentro da unidade temática esporte.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. **Da educação física: o que ela é, o que tem sido, o que deveria ser**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920.

BICKEL, E.A; MARQUES, M.G.; SANTOS, G.A. **Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais**. EFDeportes, Revista Digital – Buenos Aires, Ano 17, nº 171, 2012.

BRASIL. **Lei 4024 de 20 de Dezembro de 1961**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1961.

BRASIL. **Decreto nº 69450, de 01 de novembro de 1971. Brasília, 1971**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D69450.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm)>. Acesso em: 21 de fev de 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: SEF, 114P, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 19 de ago de 2019.

CARLAN, P; KUNZ, E; FENSTERSEIFER, P. E. **O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”** – Revista Movimento – UFGRS – Rio Grande do Sul, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Ed. Cortez, 2012.

JUNIOR, A.B.G; CAPUTO, G.A. **A inclusão social e o esporte na infância: um estudo de caso no centro municipal de educação integrada de Penápolis**. Lins – São Paulo, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo:

Atlas, 2003.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro, Brasil. Editora Vozes, 2007.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

TANI, G. **Abordagem desenvolvimentista 20 anos depois**. Revista da Educação Física UEM Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 3 trim, 2008.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Atividade física adaptada 47

Aulas de educação física 1, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 56, 89, 90, 91

### B

Base nacional comum 2, 14, 81, 83, 84, 90

### C

Crianças 29, 34, 35, 36, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 66, 71, 75, 82, 83

### E

Educação inclusiva 81, 82, 89, 90, 91

Esporte 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 28, 32, 33, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 64, 65, 73, 75, 77, 79, 80

Esporte adaptado 47, 48, 49, 55

Esportes 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 25, 28, 31, 47, 52, 53, 56

### F

Formação de professores 58, 72, 74, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 102, 103

Formação inicial 81, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 94

### H

História 16, 17, 18, 19, 21, 29, 61, 63, 64, 70, 72, 77, 79, 94, 98

### I

Inclusão 4, 9, 14, 19, 32, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Influência 1, 3, 11, 19, 27, 66, 70, 72

### N

Necessidades educacionais especiais 81, 82, 85, 91, 92

### P

Percentual de gordura 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Plano nacional de educação 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 105

### R

Resistência cardiorrespiratória 34, 36, 37, 41, 43, 45

### S

Saúde 5, 6, 9, 10, 25, 34, 35, 36, 44, 45, 46, 51, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80

Simbologia 16, 18, 19

## T

Takkyu volley 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**